

## Adérito Sedas Nunes: no final do século

1. Uma das coisas que mais desesperam as pessoas quando pensam na morte é saberem que lhes fica vedado o conhecimento do futuro. E, se para uns o desespero se limita ao círculo restrito das suas existências individuais, para outros vai muito mais longe: Bach não pôde ouvir a música de Mozart, Miguel Ângelo não imaginou Picasso, Newton não pôde ler Einstein. Todos, porém, foram contribuindo para formar a longa cadeia dos conhecimentos humanos, cujas fronteiras são como aquelas galáxias longínquas, afastando-se cada vez mais e dando-nos conta da expansão do universo.

Recordar o Prof. Sedas Nunes faz-me sentir, uma vez mais, a «injustiça» que a morte representa, ao cortar cerce as possibilidades cognitivas e criativas do ser humano, e desperta-me a curiosidade de saber como ele, em vida (e com saúde), iria reagindo aos novos desafios que se nos deparam. Mas isto é apenas um desabafo: a vida é assim, a morte também.

2. O mundo que hoje nos rodeia é já substancialmente diferente daquele em que surgiram, vai para quatro décadas, as primeiras preocupações<sup>1</sup> que viriam a desembocar na *Análise Social*. Provavelmente, os maiores desafios da actualidade não são já os dessa época — o que não quer dizer que esses tenham sido resolvidos.

As preocupações mais em evidência centravam-se então na chamada «questão social». A reforma da empresa era um dos temas favoritos. Aspectos como os conselhos de empresa, que surgiam sobretudo em França e na Alemanha, os jurados de empresa, em Espanha, as (raras) experiências de co-gestão, eram avidamente observados. A participação dos trabalhadores nos lucros das empresas era então defendida em letra de forma, a par da fiscalização das sociedades anónimas<sup>2</sup>.

---

\* Economista, membro do primeiro secretariado da redacção da *Análise Social* até 1977.

<sup>1</sup> Refiro-me aos nossos primeiros contactos, nos anos 50, em volta do projecto que veio mais tarde a gerar a *Análise Social* e se chamava *Revista do Gabinete de Estudos Corporativos* (doravante cit. por *RGEC*).

Nenhuma referência feita no presente artigo visa contradizer afirmações do Prof. Sedas Nunes no seu extenso depoimento, publicado no n.º 100 da *Análise Social*, cuja leitura considero indispensável.

<sup>2</sup> V. *RGEC*, n.º 12, editorial.

Nos anos 50 esta curiosidade tinha que ver com as condições reais do sistema político português *versus* a sua matriz ideológica: o corporativismo. O sistema corporativo foi então submetido à prova de fogo da doutrina social da Igreja, na qual era suposto basear-se o seu fundo ideológico, para deste confronto se extraírem as conclusões pertinentes e destas se publicarem as que podiam sê-lo. Temas quentes, tais como sindicatos, greves, monopólios, desigualdades sociais, etc., iam sendo aflorados, tanto quanto possível, ou aguardavam oportunidade mais favorável para verem a luz do dia.

Sedas Nunes foi o principal alquimista desta análise e desta síntese. Da primeira metade da década de 50 datam de sua autoria os seguintes estudos: «Crise social e reforma da empresa» (1952), «Introdução ao estudo da corporação» (1953-1954), «Teoria e problemas do corporativismo» (1953-1954) e «A organização corporativa e o serviço social» (1954)<sup>3</sup>. Neste último ano publica «Situação e problemas do corporativismo», no qual inclui, além do penúltimo dos trabalhos acima citados, o texto de uma conferência sobre problemas da empresa, na qual chegara a conclusões bem pouco lisonjeiras sobre a situação económico-social dos trabalhadores portugueses.

Era chegado o corte definitivo. Na segunda metade da década já não aparece a palavra *corporativismo*. Destaco os principais títulos: «Os sindicatos no ensino social da Igreja» (1956), *Princípios de Doutrina Social*, ed. Morais (1958), «Problemas agrícolas e rurais — o aspecto doutrinal» (1960) e «Contribuição para a análise das gerações sociais» (1961)<sup>4</sup>. O último destes títulos trilhava já os caminhos que haviam de conduzir, dois anos depois, à *Análise Social*.

3. Entretanto, o mundo acordara para uma nova palavra: o *subdesenvolvimento*. Não era, evidentemente, um novo problema, mas apenas a consciencialização de uma situação bem conhecida, para a qual as Nações Unidas chamavam a atenção, quer através da organização de reuniões internacionais, quer da publicação de estudos e de estatísticas. Entre os dois conceitos opostos de país desenvolvido/país subdesenvolvido surgiu um terceiro, intermédio: o de país em vias de desenvolvimento. Era o que convinha a Portugal.

Também por cá algumas coisas iam mudando. Em 1963, quando surge a *Análise Social*, os temas relacionados com o desenvolvimento económico polarizavam muitas atenções. A própria existência dos planos de fomento contribuía para isso.

Mas, se a nova preocupação na década de 60 era o desenvolvimento económico, no grupo da *Análise Social* as maiores atenções recaíam, logicamente, sobre os seus aspectos sociais. Ainda aqui era o país real que continuava no centro das preocupações. O económico e o social deviam completar-se: sem uma distribuição equilibrada não haveria justiça social; mas sem um grau de

---

<sup>3</sup> Publicados na *RGEC* nos anos indicados.

<sup>4</sup> Publicados na *RGEC* nos anos indicados, salvo o segundo, editado pela Livraria Morais em 1958 e reeditado em 1961.

desenvolvimento económico suficiente não haveria muito para distribuir. A motivação para que os estudos sobre a realidade portuguesa constituíssem instrumentos de intervenção na sociedade continuava patente no espírito de Sedas Nunes e de quantos o acompanhavam.

Não irei aqui citar os trabalhos que Sedas Nunes elaborou para a *Análise Social*, primeiro, porque não é intenção deste artigo fazer um inventário da sua actividade intelectual e, depois, porque se trata de história mais recente e, por isso, de todos mais conhecida. Abrirei, no entanto, uma excepção para referir o estudo intitulado «Portugal, sociedade dualista em evolução», inserido nos n.ºs 7-8, dedicado aos «Aspectos sociais do desenvolvimento económico em Portugal». Nele se procurava uma visão sincrética que pudesse servir de introdução a uma série de trabalhos de proveniência e características muito diversas, feitos, naturalmente, sem a desejável homogeneidade.

O êxito desta iniciativa excedeu as previsões mais optimistas: muitos anos depois ainda os n.ºs 7-8 — esgotados pouco depois da sua publicação — eram citados em apoio de trabalhos sobre o desenvolvimento económico em Portugal. Era a confirmação de que o esforço desenvolvido na *Análise Social* correspondia a necessidades efectivas dos seus leitores.

4. Ao iniciar-se a década de 70 já a *Análise Social* se afirmara mais solidamente como revista de carácter científico, no campo das ciências sociais. A acção do Gabinete de Investigações Sociais começara a institucionalizar-se como espaço efectivo de estudos de sociologia e de formação de sociólogos.

A 2.ª série da revista inicia-se com o primeiro número de 1972 (o n.º 33). «O lançamento desta 2.ª série — diz-se em nota de abertura — corresponde, para o Gabinete de Investigações Sociais, ao que se espera possa ser — e venha a ser — *um novo arranque* no processo da sua mesma evolução, assim como no da revista, que é o seu principal «espaço de manifestação». O que da revista então se esperava dependia de várias coisas. Entre elas, «da natureza do trabalho que esteja em condições de efectuar e das aberturas internas e externas ao debate e à interdisciplinaridade que, por meios seus ou por cooperação com outros organismos, logre estabelecer. E tudo isto largamente depende, por sua vez, de circunstancialismos e decisões exteriores, que o GIS, evidentemente, não determina.»

Duas notas apenas para sublinhar a *interdisciplinaridade*, ideia várias vezes focada nesta apresentação, e os «circunstancialismos e decisões exteriores», que tanto podiam ser (e eram) de ordem financeira como de natureza política: na Primavera de 1972 o céu cobria-se facilmente de nuvens ameaçadoras.

5. Mas a partir dos anos 70 surgiram novos desafios. Primeiro, foram os sobressaltos motivados pelo relatório do Clube de Roma, pelo Plano Mansholt, pela Conferência de Estocolmo sobre o meio-ambiente, pelas previsões sobre a explosão demográfica; mais recentemente, viriam acrescentar-se a falência do chamado «socialismo real», o despertar de fundamentalismos religiosos, o

agravamento das disparidades regionais do desenvolvimento, o renascer de nacionalismos aparentemente adormecidos, bem como do racismo e da xenofobia; de citar ainda os espantosos progressos nas telecomunicações e em áreas científicas tão sensíveis como a medicina e a genética, e também a emergência de novos e graves problemas sociais, tais como os da sida e da toxicod dependência.

Tudo isto constitui um manancial inesgotável sobre o qual as ciências sociais são chamadas a pronunciar-se: a sociologia, a psicologia, a antropologia, a ciência política, etc. E também uma «nova» área que, não sendo do foro científico, se afirma com uma presença cada vez mais forte: a ética.

Recordemos aqui, uma vez mais, a interdisciplinaridade, a que Sedas Nunes aludia com tanta insistência, ao apresentar a 2.<sup>a</sup> série da *Análise Social*, há mais de vinte anos.

Para uma pessoa dotada de grande cultura e lucidez, como era o Prof. Sedas Nunes, não faltariam motivos para reflectir de uma forma sincrética, não direi sobre o futuro do género humano — projecto inacessível e até absurdo —, mas sobre os próximos passos dessê mesmo futuro, que sentimos carregados de tantas contradições e ameaças.

E sinto que essa reflexão teria também um sentido de intervenção cívica. Não aquela «meia-intervenção» da fase dos estudos corporativos, ou dos primeiros tempos da *Análise Social* — quase ambígua, condicionada pelas limitações políticas então vigentes, mas uma intervenção claramente assumida, no pleno uso dos direitos de cidadania, que felizmente ainda pôde exercer, enquanto a sua frágil saúde o consentiu.

Porque é sempre este «ir um pouco mais além» a força que nos motiva a prosseguir, como se nunca tivéssemos à nossa frente a última folha do calendário.

Como seria bom se o tivéssemos ainda no auge da sua criatividade, com aquela calma e delicadeza, que não excluía a perseverança, se não mesmo a teimosia, sempre preocupado com novos problemas e aberto a novas esperanças, para continuar a fazer a análise da sociedade humana, em geral, e da portuguesa, em particular, face aos novos desafios deste final de século — desafios para os quais a palavra *interdisciplinar* continua de difícil (mas cada vez mais necessária) aceitação.

Parece que estou a vê-lo a escrever naquela letra miudinha, muito certa, em linhas rigorosamente paralelas, geralmente a lápis — para poder alterar apenas uma ou outra palavra. Porque quase tudo saía directamente, à primeira tentativa, porque tudo estava já mentalmente arrumado antes de passar ao papel.

A última folha é que, como sempre acontece, ficou em branco.